



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

## A importância da Comunicação Emocional na Agressão

Henrique Manuel Luzia Geraldes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:

Doutora Patrícia Paula Lourenço Arriaga Ferreira, Professora Auxiliar,  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2013



### **Agradecimentos**

Agradeço à minha orientadora, Professora Patrícia Arriaga, por ter-me direcionado para esta temática fascinante que é as Emoções, pelo contágio de conhecimento e pela empatia a cada reunião.

Muito Obrigado,

Não tenho palavras pelo tanto que me ajudou e moralizou durante o ano inteiro.

Uma palavra, aos amigos, colegas e participantes pela disponibilidade de participarem no estudo e por contribuírem para o meu desenvolvimento académico.

Por último, um agradecimento muito especial aos meus pais, ao meu irmão, à minha tia por serem pilares fulcrais da minha vida que, dão-me liberdade para escolher o meu próprio percurso, sem nunca exigirem nada, de modo a aproveitar todas as oportunidades.



## **Dedicatória**

Aos meus avós,

Manuel Geraldês e Maria Nazaré,

Henrique Luzia e Maria Celeste,

Ao meu tio,

Artur Manteigas,

Por tudo, pela falta que fazem, pela saudade que deixam, porque sei que ficariam orgulhos deste momento. E sobretudo pelo contributo para uma infância feliz.



## Resumo

Este estudo pretende perceber em que medida as pistas emocionais transmitidas pelos outros numa interação diádica afetam as emoções e o comportamento interpessoal. Nesse sentido considerou-se como objetivo principal, perceber em que medida é que as emoções expressas por um alvo afetam as respostas agressivas e as emoções sentidas pelo indivíduo, durante uma tarefa competitiva, em condições de provocação e não provocação. Foi ainda considerada a possível moderação do género e da psicopatia (Escala de Psicopatia de Levenson). Os participantes ( $N = 236$ ) foram distribuídos aleatoriamente para uma das quatro condições de pistas emocionais mencionadas, enquanto realizam uma tarefa competitiva de tempo de resposta com um presumível adversário. O desenho 4 (Grupo experimental) X 2 (Provocação) X 2 (Sexo) X 2 (Psicopatia Primária) mostrou efeitos principais significativos da provocação, da psicopatia, do sexo, um efeito marginal do Grupo, e a interação entre Grupo e Psicopatia, destacando a importância das pistas diferenciadoras de emoções na comunicação social e relacionamento interpessoal. Os resultados foram analisados no âmbito de algumas abordagens teóricas principais (Modelo Geral de Agressão, de Anderson e Bushman, 2002; e teoria das Emoções como Informação Social, van Kleef, 2009).

**Palavras-Chave:** *Agressão; Contágio Emocional; Género; Emoções; Psicopatia.*

**American Psychological Association (PsychINFO Classification categories and Codes):**

2360 Motivation & Emotion

3210 Psychological Disorders





**Abstract**

This study aims to understand the extent to which emotional clues transmitted by the others in a dyadic interaction affect emotions and interpersonal behavior. In this sense, it was considered as main goal: to realize the extent to which the emotions expressed by a target affect aggressive responses and emotions experienced by the individual during a competitive task, in environments of provocation and no provocation. It was also considered the possible moderation of gender and psychopathy (Levenson's Psychopathy Scale). Participants (N = 236) were randomly assigned to one of four conditions of emotional cues mentioned, while performing a competitive response time task with a presumed opponent. Drawing 4 ( experimental group ) X 2 ( Teaser ) X 2 ( Gender ) X 2 ( Primary Psychopathy ) showed significant main effects of provocation, psychopathy, sex, a marginal effect of group and the interaction between group and Psychopathy, highlighting the importance of differentiating emotions clues in social communication and interpersonal relationships . The results were analyzed in the context of some major theoretical approaches (General Aggression Model, Anderson and Bushman, 2002 and Theory of Emotions as Social Information, van Kleef, 2009).

**Keywords:** *Aggression; Emotional Contagion; Gender; Emotions; Psychopathy.*

**American Psychological Association (PsychINFO Classification categories and Codes):**

2360 Motivation & Emotion

3210 Psychological Disorders



## Índice

Capítulo I. Introdução .....	1
Agressão e motivações para a agressão .....	1
<i>Variáveis individuais preditoras da agressão.</i> .....	3
<i>Variáveis situacionais preditoras da agressão.</i> .....	6
Comunicação Emocional e o Relacionamento Interpessoal .....	6
Objetivos e Hipóteses .....	11
Capítulo II. Método .....	13
Participantes.....	13
Medidas e Material .....	13
<i>Contágio emocional.</i> .....	13
<i>Empatia.</i> .....	14
<i>Psicopatía.</i> .....	15
<i>Desejabilidade social.</i> .....	16
<i>Agressão.</i> .....	16
<i>Provocação.</i> .....	17
<i>Emoção do alvo e do próprio.</i> .....	17
Procedimento .....	18
Capítulo III. Resultados.....	21
Associações entre as Variáveis Individuais e a Agressão, as Motivações para a Agressão e as Emoções expressas pelo Próprio .....	21
Agressão em função da Emoção do Alvo, do Sexo e da Psicopatía Primária .....	22
Motivações em função da Emoção do Alvo, do Sexo e da Psicopatía Primária .....	24
Emoções do Próprio em função da Emoção do Alvo e da Psicopatía Primária .....	25
Capítulo IV. Discussão.....	27
Capítulo V. Referências .....	31

Capítulo VI. Anexos..... 35

**Índice de Quadros**

Quadro 1. <i>Correlações entre as variáveis individuais e as variáveis dependentes.</i> .....	22
---	----

**Índice de Figuras**

Figura 1. <i>Adaptação do Modelo Geral da Agressão de Anderson (Anderson &amp; Bushman, 2002), com inclusão das variáveis individuais e contextuais centrais ao presente estudo</i> .....	3
Figura 2. <i>Teoria das Emoções como Informação Social (van Kleef, 2009)</i> .....	9
Figura 3. <i>Expressões faciais do estudo de Bouhuys e colegas (1995)</i> .....	17
Figura 4. <i>Agressão em função da Emoção do Alvo, Sexo e Psicopatia Primária</i> .....	24
Figura 5. <i>Motivação para a Agressão em função do Sexo</i> .....	25
Figura 6. <i>Motivação para a Agressão em função da Emoção do Alvo</i> .....	25



## Capítulo I. Introdução

A agressão pode manifesta-se em múltiplos contextos, podendo as suas consequências ser de elevado impacto para a sociedade. Trata-se de um comportamento que tem sido objeto de reflexão teórica e análise empírica extenso, com o intuito de uma melhor compreensão do fenómeno e desenvolvimento de formas de intervenção para prevenir, minimizar ou regular a sua manifestação, que é muitas vezes desadaptativa. A extensa investigação neste domínio tem evidenciado a interação entre múltiplos fatores preditores e mediadores, que mostram a natureza complexa deste comportamento. Torna-se assim essencial dar continuidade a esta linha de investigação. Neste âmbito, uma das linhas de estudo centrais é a compreensão do papel que a comunicação das emoções desempenha no relacionamento interpessoal e da agressão em particular. Tal como é sustentado por Steffgen e Gollwitzer (2007, p. III),

*“Emotions are not epiphenomena of aggression; they can be triggers, amplifiers, moderators, even ultimate goals of aggressive behavior. Insights concerning the functional relationship between emotions and aggression are not only of theoretical relevance; they are also crucial for finding solutions for efficient control, prevention, and reduction of aggression”*

O presente estudo procura assim avaliar os efeitos da comunicação das emoções, com ênfase no tipo de saliência emocional, que se expressa numa relação diádica, nas motivações, emoções e comportamento interpessoal. Mais especificamente, procuraremos perceber em que medida as emoções expressas por um alvo (raiva, tristeza, ou neutra, vs. ausência de pistas emocionais) afetam de forma distinta as respostas agressivas do agente sob condições de provocação e não provocação, assim como suas motivações para a agressão e as suas próprias emoções. Pretende-se ainda analisar potenciais moderadores dos efeitos da comunicação das emoções do alvo na agressão e motivações do agente, com destaque para o género, a suscetibilidade ao contágio emocional, os traços de empatia e de psicopatia.

### **Agressão e motivações para a agressão**

A agressão humana é um comportamento, dirigido a outro indivíduo e realizado com a intenção de lhe causar danos (Berkowitz, 1993). O agente deve acreditar que o seu comportamento vai prejudicar o alvo e que o alvo está motivado para evitar esse comportamento. Berkowitz (1993) e Geen (2001) definem ainda dois tipos de motivação para a agressão: a agressão hostil/reactiva, concebida como sendo impulsiva, não planeada,

impulsionada por estado de raiva ou irritação, e que têm como objetivo final prejudicar o alvo, retaliar; e a agressão instrumental, concebida como premeditada para obter algum outro objetivo além do dano da vítima, sendo proactiva em vez de reativa (Anderson & Bushman, 2002).

O presente estudo tem como modelo teórico de suporte, o modelo integrativo de Anderson – Modelo Geral da Agressão (*General Aggression Model – GAM*; Anderson & Bushman, 2002), que se baseia em modelos prévios de agressão, designadamente a teoria da aprendizagem social (Bandura, 1983), a teoria da transferência de excitação (Zillman, 1983), a teoria neo-associacionista (Berkowitz, 1983) e a teoria da interação social (Tedeschi & Felson, 1994).

O GAM contempla a importância de fatores individuais (e.g. traços de personalidade; sexo; predisposições genéticas; atitudes; valores; objetivos a longo prazo), e do contexto (e.g. pistas agressivas; provocação; frustração; dor e desconforto; drogas; incentivos) na manifestação da agressão (Anderson & Bushman, 2002). A Figura 1 ilustra o Modelo Geral da Agressão, com inclusão das variáveis individuais e contextuais centrais ao presente estudo. Designadamente, foi feita uma adaptação deste modelo, para incluir a importância do estudo do género, da empatia, da psicopatia e da suscetibilidade ao contágio emocional enquanto variáveis individuais; e da provocação e da comunicação das emoções, enquanto variáveis contextuais, potenciais predictoras ou moderadoras da agressão.

O GAM destaca ainda a possível mediação do estado interno do indivíduo em termos cognitivos, afetivos e fisiológicos no comportamento agressivo.

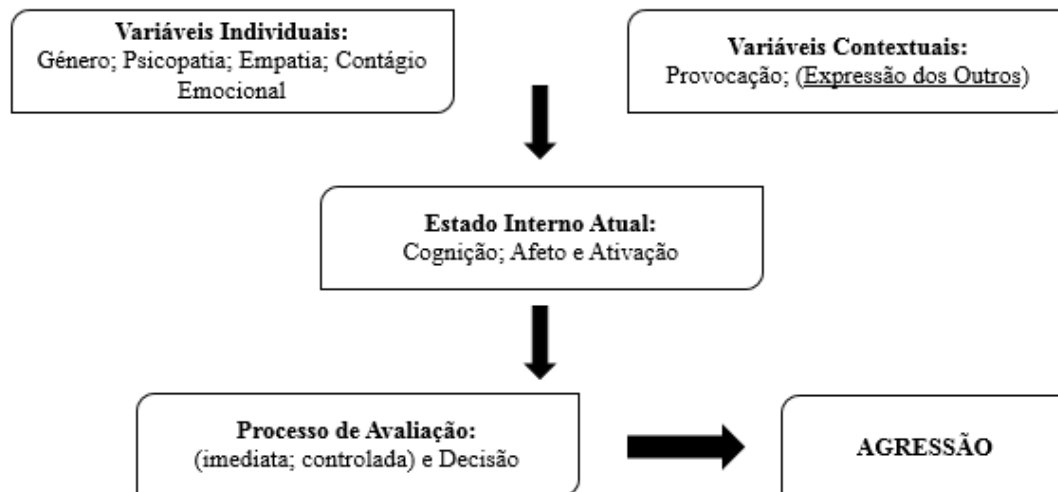
Segundo Berkowitz (1989) a agressão pode ser consequência de afetos negativos elicitados por eventos antecedentes aversivos (por exemplo, provocação; frustração). Assim, o Modelo de Agressão Afetiva de Berkowitz e o GAM estão em sintonia com a existência de uma rede associativa na memória, embora o GAM se afaste do modelo de Berkowitz, por postular que as componentes do estado interno são capazes de mediar a situação adversa e o comportamento agressivo (Arriaga, 2006).

Por fim, o GAM contempla ainda processos mediadores de avaliação (imediate e controlada) e de decisão. Anderson e Carnagey (2004) salientam que o processo de avaliação imediata dispensa um esforço cognitivo por parte do autor, podendo mesmo não ser consciente. Por sua vez, o processo de avaliação controlada está dependente da disponibilidade dos recursos



e da insatisfação prévia com a primeira análise. Se por acaso estas duas condicionantes não forem satisfeitas poderá ocorrer uma tendência para agir impulsivamente (Arriaga, 2006).

Figura 1. Adaptação do Modelo Geral da Agressão de Anderson (Anderson & Bushman, 2002), com inclusão das variáveis individuais e contextuais centrais ao presente estudo



Anderson e Bushman (1997) consideraram que os efeitos de variáveis individuais e do contexto são similares em laboratório como fora do laboratório.

#### ***Variáveis individuais preditoras da agressão.***

Em termos de variáveis individuais, a literatura tem mostrado que os homens sob determinadas circunstâncias são propensos a serem mais agressivos do que as mulheres. Eagly e Steffen (1986) acrescentam que estas diferenças de gênero na agressão são mais evidentes nas seguintes situações: (1) manifestação de agressão física do que agressão psicológica; (2) quando as mulheres percebem o dano que o seu comportamento irá ter no alvo; (3) sempre que as mulheres sentem culpa e ansiedade como resultado da agressão; (4) quando existe a preocupação com o efeito que a agressão pode ter nelas próprias. Archer (2004), por seu lado, evidenciou que as diferenças de gênero dependem da metodologia da investigação, sendo que as diferenças de gênero tende a ser superior no mundo real do que em contexto de laboratório. Hyde (1986) denota que as diferenças de gênero tendem a ser mais evidentes em público do que em ambientes privados e que os homens são mais propensos que as mulheres a falar sobre atos de agressão e intenções de agredir. Rutter e Hine (2005) examinaram ainda as diferenças de gênero em função de três tipos de agressão (expressões de hostilidade, obstrução e agressão

aberta) no local de trabalho. Como esperado, os homens foram frequentemente mais associados à agressão do que as mulheres, embora as diferenças de gênero na agressão fossem mediadas por variáveis cognitivas. Assim os autores indicam que os homens, mais que as mulheres, parecem ter tendência para estar a usar a agressão estrategicamente, i.e., para obter algum valor no local de trabalho, resultado este que é consistente com a teoria das representações sociais de Campbell, Muncer e Coyle (1992) ao postular que os homens preferem explicar a sua própria agressividade de forma instrumental, enquanto as mulheres de forma mais expressiva. Por outra via, Conway, Irannejad e Giannopoulos (2005) defendem que as diferenças de gênero na agressão também podem ser explicadas devido a um estatuto inferior por parte das mulheres em relação aos homens. Seguindo esse ponto de vista, o gênero relaciona-se com o poder e com algumas das características associadas ao poder, como a capacidade de influenciar. Por outro lado, quando o estatuto é inferior, tende a ocorrer sentimentos de culpa e ansiedade quando o indivíduo assume o papel de agressor. Em termos da ativação emocional fisiológica - um mecanismo excitatório que se encontra ligado a uma elevada atividade do sistema nervoso autónomo, parecem também existir diferenças de gênero. As mulheres tendem a ser mais eficazes a inibir a excitação emocional (Campbell & Muncer, 1987, citado por Knight, Guthrie, Page & Fabes, 2002) (Knight et al., 2002). Knight e colegas (2002) investigaram a possibilidade de as diferenças de gênero na agressão serem função das diferenças de gênero na regulação da excitação gerada em contextos evocativos emocionais. Concluíram que a magnitude das diferenças de gênero na agressão é diferenciada consoante os níveis de aumento de excitação emocional, assim, quando não existe ou ocorre um grande aumento a magnitude é relativamente pequena, contudo, quando sucede-se pouco ou médio aumento a magnitude das diferenças de gênero na agressão é grande.

Vários autores têm destacado a elevada incidência de violência em indivíduos com traços psicopáticos. Traços de psicopatia estão associados a um aumento significativo do risco de agressão quer instrumental quer reativa e sensibilidade reduzida à ameaça de agressão (Blair, 2010). O autor (Blair, 2007) atribui o aumento do risco de agressão instrumental em indivíduos com traços de psicopatia a défices nos mecanismos neurais que visam dar resposta emocional ao sofrimento dos outros (Blair, 2010). Por outro lado, Blair (2010) argumenta que o aumento do risco de agressão reativa enquadra-se num aumento da frustração (e.g. o estado emocional após a realização de uma ação com a expectativa de receber uma recompensa que não a recebe). No entanto, Harenski e Kiehl (2010) contradizem Blair, ao defenderem que o aumento da suscetibilidade para experienciar a frustração é o único fator que contribui para a agressão

reativa na psicopatia e explicitam dois processos na elicitación da frustração: por um lado, os indivíduos psicopatas mostram um evidente aumento da frustração em relação a não psicopatas, assim, este resultado representa uma vulnerabilidade que proporciona o aumento da agressão física; por outro lado, o baixo controlo dos impulsos é uma das características da psicopatia que se interliga a uma incapacidade de controlar a raiva e a frustração que originam a agressão.

Por outro lado, a investigação tem mostrado a não existência de um único perfil de psicopatia e vários autores têm proposto vários fatores ou subtipos de psicopatia, com destaque para dois fatores em particular: a psicopatia primária, caracterizada por traços de personalidade que remetem para a grandiosidade, a ausência de culpa ou remorsos, a insensibilidade, baixos níveis de ansiedade e ausência de emoções pró-sociais como a culpa e o amor; e a psicopatia secundária, caracterizada por traços de impulsividade, irresponsabilidade e baixo controlo comportamental. Neste âmbito, a psicopatia primária tem estado mais associada à agressão instrumental e a psicopatia secundária à agressão reativa (Porter & Woodworth, 2006).

Pela presença de traços de narcisismo e grandiosidade, destaca-se ainda a investigação de Baumeister, Smart e Boden (1996), ao verificarem que a ameaça ao ego pode afetar a agressão. Segundo os autores, os narcisistas relatam uma autoestima elevada e um amor exacerbado por si próprios, o que é suportado por um conjunto de crenças de superioridade. Porém, esta elevada autoestima é instável e revela uma extrema sensibilidade a desconsiderações pessoais, particularmente a críticas e insultos, que ameacem o autoconceito. Assim, quando ocorre ameaças ao ego, os indivíduos narcisistas tendem a adotar comportamentos agressivos (Bettencourt, Talley, Valentine & Benjamin, 2006). Na mesma linha de pensamento, Bushman e Baumeister (1998) investigaram se a combinação de níveis elevados de narcisismo sob a ameaça ao ego conduziria a níveis elevados de agressão. No primeiro estudo, os participantes (com níveis altos / baixos de narcisismo) seriam alvo de elogios ou insultos, sendo que posteriormente, os participantes administrariam um ruído numa tarefa competitiva de tempo de reação. Os resultados indicam que os participantes com um nível alto de narcisismo foram mais agressivos em comparação com os de nível baixo de narcisismo, e a relação entre o narcisismo e o comportamento agressivo foi mais positiva na condição de insulto por comparação com a condição de elogio. O segundo estudo replicou os efeitos e indicou que a interação entre o narcisismo e o nível de provocação influencia o comportamento agressivo.

### ***Variáveis situacionais preditoras da agressão.***

Em termos de variáveis contextuais, começamos por destacar a provocação. No entender de Anderson e Bushman (1997) a provocação define-se como o ato de dano cometido pelo alvo contra a pessoa que o comportamento agressivo é eventualmente assumido. Bettencourt e colegas (2006) procuraram entender a relação entre personalidade e o comportamento agressivo, sob condições neutra e provocação, tendo os autores identificado que traços de irritabilidade e de agressividade estão associados à agressão tanto em condições neutras como de provocação, embora o narcisismo, a suscetibilidade emocional, e o traço de raiva se associassem à agressão apenas na condição de provocação. Por contraste, Caprara, Renzi, Alcini, D’Imperio e Travaglia (1983) mostraram que ambos os traços de irritabilidade e suscetibilidade emocional se mostraram associados à agressão. Mais especificamente, homens e mulheres com traços elevados de irritabilidade (vs. baixa irritabilidade) foram mais agressivos sob provocação. No que concerne à suscetibilidade emocional verificou-se em ambos os sexos que as pessoas com elevada suscetibilidade emocional foram mais agressivas do que as que relatam baixa suscetibilidade (Baron & Richardson, 2004, p. 213). Na mesma linha de estudos, Bettencourt e Miller (1996) reanalisaram a meta-análise de Eagly e Steffen (1996) com o intuito de avaliar o efeito da provocação nas diferenças de género na agressão. Concluíram que os homens apresentam índices mais agressivos que as mulheres, contudo quando comparam condições neutras (não provocação) e condições de provocação, é observável uma clara redução das diferenças de género na agressão.

### **Comunicação Emocional e o Relacionamento Interpessoal**

Para perceber os efeitos da comunicação emocional no relacionamento interpessoal começamos por destacar a teoria integrativa das Emoções como Informação Social (*Emotion As Social Information – EASI*; van Kleef, 2009, 2010; van Kleef, De Dreue Manstead, 2010) que procura explicar o modo como as experiências emocionais transmitidas pelos outros evocam reações afetivas e/ou processos inferenciais no próprio que, por sua vez, afetam as decisões e o comportamento (van Kleef, van Doorn, Heerdink & Koning, 2011). No âmbito das respostas emocionais face às emoções dos outros, a investigação tem mostrado que a tristeza tende a elicitar sentimentos de pena (Eisenberg, 2000) e de compaixão (van Kleef et al., 2008) pelo alvo, enquanto a expressão de raiva no alvo pode elicitar medo no próprio (Dimberg & Ohman, 1996; van Kleef et al., 2011).

Este modelo integra várias teorias, designadamente a teoria do contágio emocional (Hatfield, Cacioppo, & Rapson, 1994), a teoria do afeto como Informação (Forgas, 1995), a Teoria da Primazia Afetiva (Bower, 1981) e as teorias de avaliação das emoções (e.g., Frijda, Kuipers, & Ter Schure, 1989).

Em relação ao contágio emocional, vários autores definem este conceito como a capacidade para “captar” as emoções de outras pessoas, nomeadamente através de expressões não-verbais, sendo o mimetismo um exemplo (Hatfield, Cacioppo, & Rapson, 1994). Hatfield e Rapson (1998) definem o contágio emocional primitivo como a tendência para mimetizar e sincronizar com expressões, vocalizações e movimentos de outra pessoa de uma forma automática e, conseqüentemente convergirmos com ela em termos emocionais. O feedback proveniente do mimetismo tende a influenciar, momento a momento, a experiência emocional do indivíduo, ocasionando, a cada momento, o contágio da emoção sentido pelo outro. Embora Hatfield, Cacioppo e Rapson (1992) também tivessem referido que o contágio emocional poderia ocorrer sem a presença de mimetismo, através de uma interação mediada pela tomada de perspectiva (dimensão cognitiva da empatia) ou por processos de avaliação pessoal.

Sendo assim o contágio emocional poderá ser uma variável relevante na intensidade das emoções reportadas pelos indivíduos perante a expressão de emoções dos outros. A sensibilidade ao contágio emocional poderá explicar mudança de reações emocionais sem que a percepção consciente (e.g. as pessoas sentem emoções como alegria ou raiva não por causa de eventos da própria vida, mas porque são sensíveis a outras expressões de emoções).

Hatfield, Cacioppo e Rapson (1994) diferenciam indivíduos com competências para o contágio da propensão para o contágio. Os indivíduos com competências para o contágio apresentam características como (1) sentir, ou aparentar sentir emoções fortes, (2) revelar capacidade para expressar emoções, e (3) demonstrar insensibilidade às emoções dos outros quando estas são incompatíveis com as suas emoções próprias. Noutra direção, as pessoas especialmente suscetíveis de se contagiar (1) fixam a sua atenção nos outros, (2) constroem uma percepção com base na relação estabelecida com os outros, (3) leem as expressões emocionais, vozes, gestos e posturas dos outros, (4) mimetizam as expressões emocionais, (5) têm consciência das suas próprias respostas emocionais, e (6) respondem de forma emocional.

De acordo com a Teoria do Afeto como Informação (Forgas, 1995), as emoções expressas por outras pessoas desencadeiam sentimentos no próprio que, por sua vez podem influenciar os julgamentos e decisões. Segundo esta teoria, os indivíduos podem atribuir o

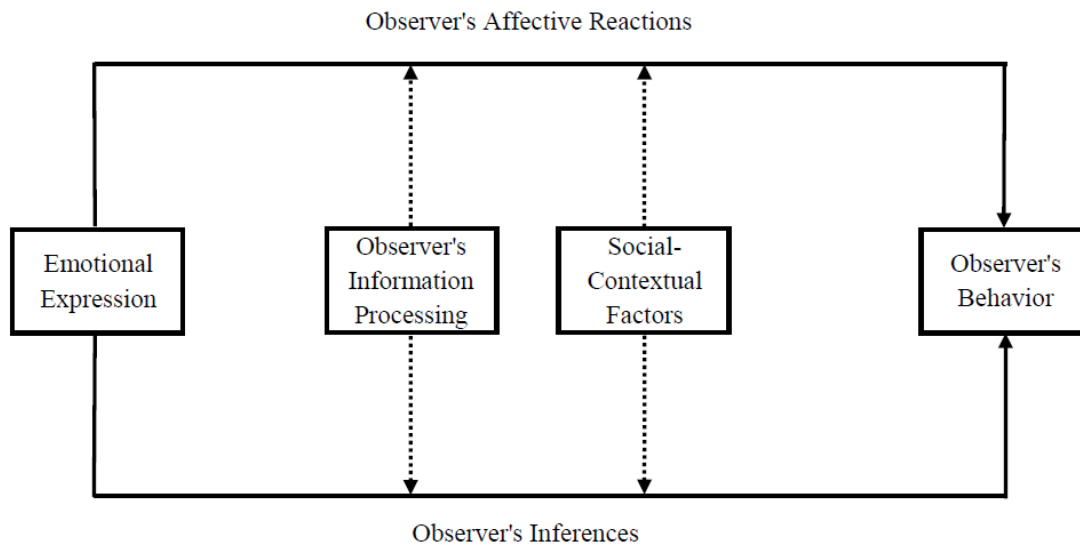
estado afetivo sentido à situação em que se encontram. Se a pessoa perceber que o outro está alegre pode experimentar sentimentos positivos, com efeitos na avaliação da situação (como benigna) o que pode conduzir à decisão de cooperar com o outro.

Por outro lado, de acordo com a Teoria da Primazia Afetiva (Bower, 1981), o que o indivíduo sente pode ativar ideias e memórias associadas de modo congruente. Por exemplo, se um indivíduo sentir raiva, essa emoção poderá ativar outras ideias negativas que, por sua vez, poderão comprometer a cooperação e aumentar a agressão.

Os processos inferenciais também são evocados pelas experiências emocionais. Neste sentido destacam-se as Teorias de Avaliação das Emoções (Frijda, Kuipers & Ter Schure, 1989) ao sustentarem que as emoções são extraídas das nossas avaliações dos eventos. Ou seja, a avaliação da situação poderá determinar a resposta afetiva que, por sua vez, se baseia nessa avaliação. Por consequência, a investigação tem mostrado que emoções de raiva podem estar associadas a objetivos frustrados e a atribuições externas, enquanto emoções de tristeza são associadas a experiências de perda e fraca capacidade em lidar com o problema (van Kleef et al., 2011).

É importante também referir que tanto as reações afetivas como os processos inferenciais estão dependentes tanto do processamento da informação que, por sua vez, se sujeita à epistêmica motivação por parte do observador, como do contexto social, nomeadamente, as normas sobre a emoção expressa, a adequação da emoção dada o tema da comunicação, a forma como a emoção é expressa, o estado relativo e preferências disposicionais para a harmonia social que determina a adequação percebida da expressão emocional (van Kleef et al., 2011).

Figura 2. Teoria das Emoções como Informação Social (van Kleef, 2009)



Na opinião de Fisher, Shaver e Carnochan (1990) as emoções são organizadas, com significado, sistemas de ação geralmente adaptativos. São complexos funcionais onde se inclui avaliações ou apreciações, processos fisiológicos, tendências de ação, sentimentos subjetivos, expressões e comportamentos instrumentais (Hatfield, Cacioppo & Rapson (1992).

A tarefa das emoções na regulação das relações sociais pode ser resumida em termos de duas funções sociais importantes: a sinalização, ou seja, o exibir de uma emoção pode fornecer informação aos outros sobre o que pensamos, o que sentimos, e as nossas tendências de resposta; e a filiação da emoção, na medida em que tende a favorecer um ajustamento das emoções e expressões emocionais às reações emocionais de outros de forma a beneficie as relações interpessoais (Fischer, Rotteveel, Evers & Manstead, 2004). Tendo em conta que a assimilação emocional ocorre quando os indivíduos são expostos a um mesmo evento emocional, Fischer e colegas (2004) propõem três fatores que promovem a assimilação emocional entre os participantes da interação: (1) os outros devem ser significativos, no sentido de estarem relacionados com a outra pessoa (e.g. grupos socialmente coesos facilitam o contágio e mimetismo); (2) à medida que ocorre uma maior orientação para os outros, as pessoas tendem a ser mais suscetíveis às emoções dos outros; (3) perante a ambiguidade emocional de uma situação, há uma tendência para o indivíduo procurar informações sobre as emoções dos outros, ou seja, quando não há ponto de referência para a avaliarem da situação, há tendências para avaliar a situação tendo em conta as emoções dos outros.

A literatura tem ainda evidenciado diferenças individuais na sensibilidade às emoções dos outros e na intensidade da resposta emocional. Destaca-se as diferenças de gênero, o contágio emocional, a empatia e a psicopatia.

De acordo com alguns estudos o sexo masculino tende a ter desde tenra idade mais liberdade para expressar raiva, quando comparado com o sexo feminino (Eder, 1995; Thorne, 1993). Nesta linha, outros estudos indicam que as mulheres relatam sentir e expressam menos raiva que os homens (Ross & van Willigen, 1996). (Simon & Nath, 2004). Simon e Nath (2004) verificaram que as mulheres tendem a ser emocionalmente mais expressivas embora haja diferenças de gênero na frequência com que expressam emoções específicas. Este estudo também concluiu que os homens relatam mais sentimentos positivos, nomeadamente, calma e excitação e as mulheres relatam sentimentos negativos com mais frequência, designadamente a ansiedade e a tristeza. Por outro lado, os autores verificaram ainda que a emoção raiva é mais intensa e duradoura nas mulheres embora as mulheres tendam a falar sobre os seus sentimentos de forma a lidar com essa emoção.

A expressividade emocional e a sua interação com a empatia constituem um conjunto de fenómenos complexo. Neste sentido, Roberts e Strayer (1996) fazem uma distinção do tipo de emoção que é expressa. Por exemplo, a comunicação de raiva é geralmente incompatível com respostas empáticas. Outras emoções negativas, designadamente o medo ou a tristeza são associadas a avaliações de que a situação em que o outro se encontra poderá ser desfavorável e facilitar por isso respostas empáticas e de aproximação.

Em relação à Psicopatia, Hare (1991) refere que o indivíduo psicopata possui alguma forma de défice emocional. De acordo com vários autores estes indivíduos podem não sentir remorsos e culpa ou empatia (Blair, Sellars, Strickland, Clark, Williams, Smith & Jones, 1995). A literatura tem demonstrado que os indivíduos psicopatas apresentam défices em reconhecer respostas de sofrimento por parte dos outros, especialmente se forem expressões de medo. Nesse sentido, Blair e colegas (1995) propuseram o Mecanismo de Inibição da Violência, que postula que os défices emocionais associados com a psicopatia são o resultado da disfunção da empatia, o que pode levar a problemas de socialização moral. Segundo este modelo, os indivíduos psicopatas não tem a perceção de expressões de medo e tristeza como aversivas, podendo estes défices contribuir para a não inibição de determinados comportamentos (Hastings, Tangney & Stuewig, 2008).



Blair e coautores (1995) realizaram um estudo comparando psicopatas com não psicopatas nas atribuições de emoções aos outros (alegria, tristeza, vergonha, culpa). Concluíram que os psicopatas não diferiam na atribuição de emoções aos outros, exceto na emoção de culpa, sendo que não psicopatas fizeram mais atribuições de culpa, enquanto os psicopatas mais alegria ou indiferença. Marsh e Blair (2008), num estudo de meta-análise, confirmaram uma ligação forte entre o comportamento anti-social e o déficit no reconhecimento de expressões de medo. Por outro lado, Hastings e colegas (2008) verificaram que os participantes visualizaram cinco emoções através de um de dois diferentes níveis de intensidade de expressão numa tarefa de reconhecimento facial, tendo os resultados mostrado que a psicopatia foi associada a défices na identificação de expressões faciais de tristeza e de alegria, e dificuldades em identificar expressões faciais menos intensas de emoções. Como existe uma dispersão de resultados quanto a este tema específico, Dawel, O’Kearney, McKone e Palermo (2012) propuseram esclarecer se os défices no reconhecimento de emoções em psicopatia são restritos a determinadas emoções e modalidades, ou se são mais abrangentes. Através de 29 experiências que envolveram seis emoções básicas com três modalidades, os autores verificaram a ocorrência de défices em todas as modalidades e nas diferentes emoções.

Neste âmbito, os resultados da investigação no que concerne à relação entre a saliência emocional e a agressão estão patentes no estudo de Baardewijk, Stegge, Bushman e Vermeiren (2009). Este estudo partiu da base teórica de que pistas emocionais como o medo e a tristeza poderiam possibilitar ao autor da agressão perceber o sofrimento das vítimas e por esse motivo, inibir a agressão. Por sua vez, indivíduos com elevados traços de psicopatia teriam uma sensibilidade reduzida ao sofrimento dos outros. Os autores testaram assim a hipótese de que a agressão por crianças com traços de psicopatia poderia ser atenuada se expostas a sinais dos outros de medo mais salientes. Os resultados permitiram aos autores concluir que as crianças com traços de psicopatia eram mais propensas a agir de forma agressiva, porém quando o alvo expressava perturbação ou medo, o comportamento agressivo diminuía, incluindo para este grupo de crianças (Baardewijk et al., 2009).

### **Objetivos e Hipóteses**

A presente investigação procura perceber em que medida as pistas emocionais transmitidas pelos outros numa interação diádica afetam as motivações, as emoções e o comportamento interpessoal. Mais especificamente, procuraremos perceber em que medida as emoções expressas por um alvo (raiva, tristeza, ou neutra, vs. ausência de pistas emocionais)

afetam de forma distinta as respostas agressivas sob condições de provocação e não provocação, as motivações para a agressão e as emoções sentidas pelo indivíduo. Pretende-se ainda analisar potenciais moderadores dos efeitos das emoções do alvo na agressão e motivações, com destaque para o género, o contágio emocional, a empatia e a psicopatia.

Em relação ao comportamento agressivo, são esperados efeitos principais da emoção do alvo, do género e da psicopatia. É assim esperado que os participantes que recebem informação de tristeza por parte do alvo sejam menos agressivos do que os que recebem feedback emocional neutro, raiva ou ausência de emoção (H1a). Relativamente às diferenças entre sexos é esperado que as mulheres sejam menos agressivas que os homens (H2a), embora o sexo possa atuar como moderador na relação entre a emoção expressa pelo alvo e a agressão do próprio, no sentido de as diferenças entre sexos serem superiores nas condições de expressão de emoções por parte do alvo (raiva e tristeza) do que nas condições neutra e sem feedback emocional (H2b). Em termos da psicopatia, é esperado que os participantes que relatem maior psicopatia sejam mais agressivos do que os participantes com baixa psicopatia (H3a), sendo ainda esperado que um efeito de moderação da psicopatia na relação entre a emoção do alvo e a agressão do próprio, no sentido de as diferenças na agressão entre indivíduos com maior psicopatia vs. Baixa psicopatia se verifique fundamentalmente na condição de alvo irritado, pela possível maior sensibilidade à ameaça (H3b). No que concerne a fatores contextuais, é ainda esperado que os participantes sob provocação manifestem maior agressão do que em condições sem provocação (H4a). Serão ainda efetuadas análises exploratórias para analisar em que medida a suscetibilidade para o contágio emocional e a empatia constituem importantes preditores da agressão.

Em relação às emoções reportadas pelos participantes durante a interação, e tendo em consideração a teoria do contágio emocional, é esperado um sincronismo emocional entre as emoções transmitidas pelo alvo e as do próprio (H5a).

No que concerne às motivações para agredir, é esperado que os participantes reportem mais agressão reativa do que instrumental, sendo esta diferença mais acentuada no sexo masculino do que feminino (H6a).

## Capítulo II. Método

### Participantes

A seleção foi efetuada tendo por base uma amostra não probabilística de conveniência de 236<sup>1</sup> participantes voluntários, dos quais 10 participantes foram eliminados por terem manifestado desconfiança em relação aos objetivos das tarefas apresentadas. Do total de 226 participantes válidos, 112 (49,6%) são do sexo masculino e 114 (50,4%) do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos ( $M = 22,11$ ;  $DP = 3,49$ ). A maioria frequenta a Licenciatura (54,4%), tem nacionalidade portuguesa (94,2%) e é solteira (97,3%). Os participantes foram aleatoriamente distribuídos por uma de quatro condições de pistas emocionais: raiva (57 = 25,2%), neutra (56 = 24,8%), tristeza (53 = 23,5%), ou ausência de pistas emocionais (60 = 26,5%).

### Medidas e Material

#### *Contágio emocional.*

Foi utilizada a Escala de Contágio Emocional (*Emotional Contagion Scale – ECS*; Doherty, 1997) para analisar a suscetibilidade ao contágio emocional. Esta escala é constituída por 15 itens, na qual o participante escolhe a situação que melhor corresponde ao seu modo de sentir, através de uma escala de cinco pontos, que varia de 1 (*nunca*) a 5 (*sempre*). A ECS engloba cinco emoções básicas, cada uma constituída por três itens: Amor (por exemplo, “Quando olho nos olhos da pessoa que amo, fico repleto(a) de pensamentos românticos”); Alegria (por exemplo, “Estar com uma pessoa alegre levanta-me a moral quando me sinto em baixo”); Medo (por exemplo, “Ver os rostos assustados de vítimas nas notícias faz com que eu tente imaginar como elas se devem sentir”); Raiva (por exemplo, “Irrita-me estar próximo de pessoas zangadas”); Tristeza (por exemplo, “Choro em filmes tristes”). A cotação deste instrumento consiste na média de todos os itens, não existindo itens invertidos. No que concerne à interpretação dos valores obtidos, quanto maior a pontuação maior a suscetibilidade ao contágio emocional.

A ECS apresenta boas qualidades psicométricas, com uma excelente consistência interna no global ( $\alpha = 0,90$ ). Porém, é possível analisar o contágio em função de duas dimensões

---

<sup>1</sup> Dos 236 participantes no estudo, os dados de 145 participantes foram-me facultados pela orientadora da tese Doutora Patrícia Arriaga.

principais, uma positiva ( $\alpha = 0,82$ ) composta pelas subescalas amor e alegria e outra negativa ( $\alpha = 0,80$ ) constituída pelas subescalas medo, raiva e tristeza (Doherty, 1997). Para avaliar a validade de construto, os autores verificaram uma relação positiva, embora fraca, entre o contágio emocional global e a reatividade, a emotividade, a sensibilidade aos outros, o funcionamento social, a auto-estima, e uma associação mais forte com a empatia emocional do que cognitiva; e correlações negativas com a alieação, a auto-afirmação e a estabilidade emocional. (Doherty, 1997). No presente estudo, esta medida apresenta uma boa consistência interna geral ( $\alpha = 0,79$ ), embora os valores sejam mais fracos para as subescalas alegria ( $\alpha = 0,65$ ), amor ( $\alpha = 0,71$ ), medo ( $\alpha = 0,55$ ), raiva ( $\alpha = 0,55$ ), e tristeza ( $\alpha = 0,56$ ).

### ***Empatia.***

Para avaliar a empatia aplicou-se a versão portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal de Davis (*Interpersonal Reactivity Index*, IRI; Davis, 1980), validada por Limpo, Alves e Crato (2010). A versão portuguesa do IRI é formada por 24 itens, na qual é pedido ao sujeito que indique de que forma cada afirmação se identifica a si próprio, através de uma escala com formato de resposta de cinco pontos, que varia entre 0 (*Não me descreve bem*) e 4 (*Descreve-me bem*). A cotação é efetuada somando estes valores por subescala e fazendo a média, sendo que nos itens invertidos também as cotações são invertidas. O IRI baseia-se em quatro subescalas que integram seis itens cada: a Tomada de Perspetiva, que reflete a tendência para adotar os pontos de vista do outro (por exemplo, “Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão”); Preocupação Empática, que mede a capacidade de experienciar sentimentos de compaixão e preocupação pelo outro (por exemplo, “Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu”); Desconforto Pessoal, que avalia sentimentos de ansiedade, apreensão e desconforto em contextos interpessoais tensos (por exemplo, “Tendo perder o controlo em situações de emergência”); e Fantasia, que avalia a propensão da pessoa para se colocar em situações fictícias (por exemplo, “Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens) (Limpo et al., 2010).

A versão portuguesa do IRI apresenta boas qualidades psicométricas no que concerne à sensibilidade, embora a maioria das subescalas apresentem uma ligeira tendência platicúrnica e um pequeno enviesamento para pontuações elevadas, sendo exceção alguns itens da subescala Desconforto Pessoal que apresentam um enviesamento para pontuações baixas. O IRI apresenta uma boa consistência interna, ficando patente em todas as subescalas: Tomada de Perspetiva ( $\alpha$

= 0,73); Preocupação Empática ( $\alpha = 0,76$ ); Desconforto Pessoal ( $\alpha = 0,80$ ); e Fantasia ( $\alpha = 0,84$ ). Importante referir que no que se refere às diferenças de sexo que as mulheres obtiveram resultados superiores aos dos homens em todas as subescalas na amostra portuguesa (Limpo et al., 2010). No presente estudo, a consistência interna é igualmente adequada tendo-se registado os seguintes valores para as subescalas Tomada de Perspetiva ( $\alpha = 0,72$ ), Preocupação Empática ( $\alpha = 0,77$ ), Desconforto Pessoal ( $\alpha = 0,78$ ), e Fantasia ( $\alpha = 0,82$ ).

### ***Psicopatia.***

Aplicou-se a Escala de auto-relato de Psicopatia desenvolvida por Levenson (*Levenson Self-Report Psychopathy Scale; LSRP*; (Levenson, Kiehl e Fitzpatrick, 1995), que avalia traços, atitudes e crenças de psicopatia em populações normativas. Esta escala comporta 26 itens e permite avaliar duas dimensões da psicopatia: primária e secundária.

A subescala psicopatia primária engloba 16 itens e avalia a inclinação para mentir, a falta de remorso, a frieza, a manipulação (por exemplo, “Para mim, aquilo que está certo é qualquer coisa do qual eu possa sair ileso / impune.”; “No mundo de hoje, sinto que tudo justifica fazer algo quando posso ganhar com isso”). A subescala psicopatia secundária é composta por 10 itens e reflete o estilo de vida anti-social, nomeadamente a impulsividade, a intolerância para a frustração, o temperamento e a falta de objetivos de longo prazo (por exemplo, “A maioria dos meus problemas deve-se ao facto de não ser compreendido pelas outras pessoas”; “Eu encontro-me nos mesmos problemas, vezes sem conta.”) (Levenson et al., 1995).

Os itens são preenchidos através de uma escala de quatro pontos (1 = Discordo Totalmente; 2 = Discordo Algumas Vezes; 3 = Concordo Algumas Vezes; 4 = Concordo Fortemente), em que sete itens estão invertidos com o propósito de controlar o estilo de resposta. A consistência interna da LSRP é considerada adequada na escala de psicopatia primária ( $\alpha = 0,82$ ) e um pouco inferior, na escala de psicopatia secundária ( $\alpha = 0,63$ ) (Levenson et al., 1995). A versão portuguesa (LSRP-VP) foi reduzida a 19 itens e patenteia uma estrutura fatorial capaz de explicar 36.19% da variância total, sendo 21,56% referentes à Psicopatia Primária e 14,63% explicativos da Psicopatia Secundária. No que concerne à consistência interna, o total da escala apresenta um  $\alpha = 0,81$ , na subescala Psicopatia Primária  $\alpha = 0,82$  e na Psicopatia Secundária  $\alpha = 0,73$ . De realçar ainda que a Psicopatia Primária é sensível às diferenças de género (Coelho, Paixão, & Silva, 2010). À semelhança da versão original, no

presente estudo a consistência interna da psicopatia primária é aceitável ( $\alpha = 0,75$ ), embora inferior na psicopatia secundária ( $\alpha = 0,62$ ).

### ***Desejabilidade social.***

Foi avaliada a desejabilidade social dos participantes, através da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (*Marlowe-Crowne Social Desirability Scale*; MCSDS; Ballard, 1992), versão reduzida de Carvalho e Baptista (1999). A MCSDS é composta por 13 itens (por exemplo, “Por vezes, quando não consigo aquilo que quero, fico com ressentimentos”; “Sou sempre simpático(a), mesmo para as pessoas que são desagradáveis”) que são respondidos através de uma escala de formato dicotómico (Verdadeiro ou Falso) sobre o que pensam deles próprios. A cotação é realizada através da atribuição dos valores zero e um a cada item, logo pode ir de zero a treze. A versão reduzida de 13 itens evidenciou uma boa consistência interna ( $\alpha = 0,70$ ) (Ballard, 1992). No presente estudo o valor da consistência interna foi inferior ( $\alpha = 0,65$ ).

### ***Agressão.***

Para avaliar a agressão física em contexto laboratorial recorreu-se a uma Tarefa Competitiva de Tempo de Resposta (TCTR) que se baseia no paradigma de Taylor (1967). A TCTR é realizada num computador e apresenta neste estudo, um total de 17 ensaios. Os ensaios consistem na visualização por parte do participante de um círculo no centro do monitor do computador que irá alterar de cor vermelha para verde. Assim, o participante tem como objetivo carregar numa tecla com a maior rapidez possível, logo após a alteração da cor do estímulo. O participante antes de iniciar a tarefa competitiva é informado que irá desempenhar a tarefa em simultâneo com um adversário e que antes de cada ensaio poderá selecionar numa escala contínua entre dez níveis de intensidade (zero DB a 95 dB) e de duração de um ruído (zero a quatro segundos) que pretenda administrar ao seu adversário. É-lhe também referido que se perder a prova, ou seja, se for mais lento a carregar numa tecla que o seu “suposto” adversário, poderá receber um ruído de intensidade e duração escolhido pelo seu suposto oponente (Arriaga, Esteves, & Monteiro, 2004). A agressão física é medida através da média da intensidade e duração do ruído que o participante selecionada ao longo dos ensaios. Recorreu-se à média entre estes dois parâmetros, atendendo à elevada correlação de *Pearson* ( $r = 0,84$ ;  $p < 0,01$  entre ambos).

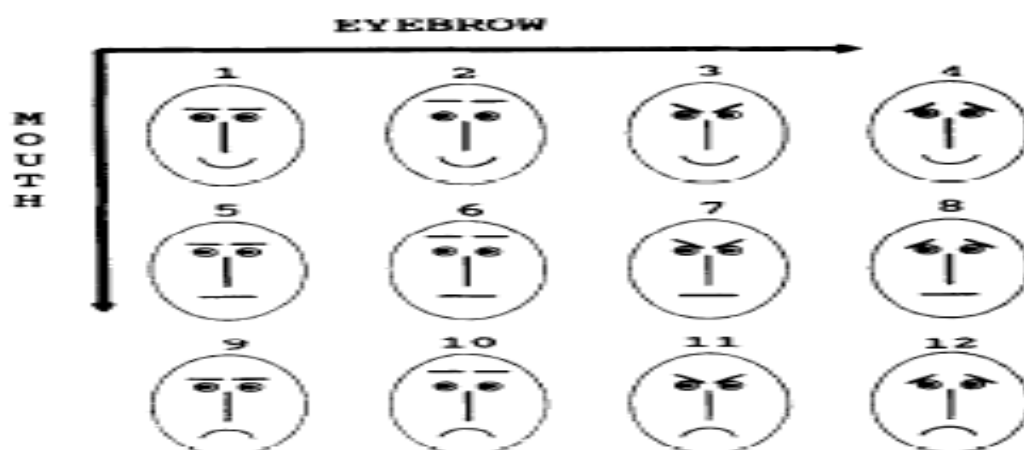
***Provocação.***

A provocação será induzida durante a TCTR. Para este efeito, a tarefa foi programada de modo a que o participante não receba nenhum ruído por parte do adversário nos primeiros quatro ensaios (condição sem provocação) e, conseqüentemente, saia vencedor nestes ensaios iniciais; nos restantes 13 ensaios (condição com provocação) o participante é vencedor em nove ensaios e perde em oito ensaios, sendo esta distribuição de ganhos/perdas aleatória. Está no entanto prevista a possibilidade de o participante perder o ensaio se exceder o tempo limite para o seu desempenho, mesmo que esteja contemplada a sua vitória nesse mesmo ensaio (Arriaga et al., 2004).

***Emoção do alvo e do próprio.***

A partir da investigação de Bouhuys, Bloem e Groothuis (1995) decidiu-se escolher expressões faciais de alegria, neutra, raiva e tristeza. Estas expressões foram incluídas na TCTR de modo a permitir a manipulação das emoções experienciadas pelo presumível adversário e reportadas pelo próprio participante ao longo da tarefa. As expressões faciais testadas no estudo de Bouhuys e colegas (1995) correspondem a 12 desenhos constituídos por quatro tipos de sobrancelha, 3 tipos de boca, 1 tipo de olhos e 1 tipo de nariz, concebidos para serem reconhecidos adequadamente por pessoas de diferentes culturas.

Figura 3. *Expressões faciais do estudo de Bouhuys e colegas (1995)*



NOTA: *As faces variam de cima para baixo consoante a boca e da esquerda para a direita consoante as sobrancelhas.*

No presente estudo selecionou-se as seguintes expressões faciais, com base nas avaliações reportadas no estudo de Bouhuys e coautores (1995): a face 2, correspondente a

“alegria” e a face 11 de “raiva” (ambas avaliadas em 100% como ilustrativas das emoções correspondentes); a face 12 como “triste” (93,3% como “triste”), e finalmente a face 5 como “neutra”, por ter sido a face avaliada como mais ambígua em termos emocionais. No mesmo estudo fez-se ainda a diferenciação entre faces ambíguas, explícitas e níveis de intensidade emocional. A face neutra foi classificada como ambígua e pouco intensa; a face alegria e a face triste foram consideradas explícitas e pouco intensas; e a face raiva foi considerada explícita embora com elevada intensidade emocional (Bouhuys et al., 1995). Consoante a condição experimental, o participante era exposto apenas a uma das expressões do alvo após cada ensaio: tristeza, neutra, raiva, ou ausência de expressão. No final de cada ensaio era igualmente solicitado ao participante que indicasse o modo como se sentia, escolhendo para o efeito uma das quatro expressões emocionais (triste, raiva, neutra, ou alegre).

### **Procedimento**

A realização do estudo foi efetuada no Laboratório de Psicologia Social e das Organizações (LAPSO). À chegada dos participantes foi-lhes transmitido que iriam participar em dois estudos independentes. Inicialmente foi entregue aos participantes um consentimento informado onde lhes foi garantido o anonimato da participação. Foi ainda referido que toda a informação recolhida seria tratada e analisada coletivamente e que poderia ser usada para efeitos educativos e / ou divulgação científica. A participação no estudo teve ainda um carácter voluntário, sendo que o participante tinha sempre a possibilidade de negar a sua participação ou de se retirar do estudo a qualquer momento.

Numa primeira fase do estudo os participantes responderam a quatro questionários individualmente numa sala do LAPSO, tendo preenchido a Escala de Contágio Emocional, o Índice de Reatividade Interpessoal de Davis, a Escala de Psicopatia de Levenson e a Escala de Desejabilidade Social.

De seguida foi pedido aos participantes para participarem na TCTR num dos cubículos existentes na sala. Foi transmitido a cada participante que iria desempenhar a tarefa competitiva com um adversário de modo a motivar ambos a um bom desempenho e transmitido que se pretendia preservar o anonimato de todos os sujeitos, razão pela qual não seriam apresentados (Arriaga et al., 2004). O experimentador encaminhou o participante para o cubículo onde procedeu às instruções. Antes de iniciar a TCTR foi-lhe comunicado que a importância de indicar o modo como se estava a sentir, escolhendo para o efeito a expressão facial que melhor se adequava ao que sentiu nesse ensaio. Entre as diferentes quatro expressões (alegria, neutra,



raiva e tristeza) foi tido o cuidado de apenas das seguimento à experiência se o participante, nesta fase das instruções, selecionasse as opções alegre ou neutro. Se reportasse “raiva” ou “tristeza” era interrompida a experiência e comunicado que se esse não seria o momento indicado para realizar o estudo, convidando o participante a realizar num momento futuro em que se sentisse melhor.

Após dadas as instruções de como proceder na TCTR o experimentador retirava-se da sala para não afetar a tarefa dos participantes, sendo o tempo de desempenho da tarefa de aproximadamente de 8 minutos.

Na parte final do estudo, o experimentador regressou à sala para realizar uma entrevista pós-experimental, que teve os seguintes objetivos: (1) saber se os participantes desconfiaram dos objetivos do estudo; (2) perceber os motivos que levaram os participantes a aplicarem o ruído no adversário (Arriaga et al., 2004).

Depois do estudo completado, com uma duração aproximada de 25 minutos, o experimentador fez o *debriefing* e questionou o participante sobre o seu estado emocional no momento, de forma a garantir que o participante não saísse da experiência incomodado. Posterior a este procedimento, o experimentador agradeceu a participação no estudo por parte do participante.



### Capítulo III. Resultados

#### Associações entre as Variáveis Individuais e a Agressão, as Motivações para a Agressão e as Emoções expressas pelo Próprio

Com o intuito de analisar as associações entre as variáveis individuais (Suscetibilidade para o Contágio Emocional, Empatia, Psicopatia e Desejabilidade Social) e as variáveis dependentes (Agressão, Motivação para a agressão, e Emoções reportadas pelo próprio), foram efetuadas correlações lineares de Pearson.

Começamos por destacar a associação entre a agressão e a psicopatia primária (PP),  $r(224) = 0,19, p = 0,005$ . Tendo em consideração as condições de provocação, verifica-se que na condição de provocação este resultado se mantém, ou seja, apenas a Psicopatia Primária se mostra positivamente associada à agressão,  $r(224) = 0,19, p = 0,004$ . Contudo, em condições de não provocação, além da associação entre Psicopatia Primária e Agressão,  $r(224) = 0,16, p = 0,018$ , verifica-se uma associação negativa entre os índices de Psicopatia Secundária e a Agressão,  $r(224) = -0,14, p = 0,038$ .

No que concerne às motivações para a agressão (i.e., o relato dos participantes sobre o tipo de motivo que os levou a aplicar o ruído ao adversário) verifica-se que a Psicopatia Primária se associa positivamente quer à motivação instrumental,  $r(204) = 0,24, p = 0,001$ , quer à motivação reativa,  $r(204) = 0,15, p = 0,035$ . A motivação reativa mostra-se ainda associada negativamente à Tomada de Perspetiva,  $r(204) = -0,21, p = 0,003$  e à Desejabilidade Social,  $r(206) = -0,21, p = 0,003$ .

Em relação às emoções reportadas pelos participantes, constata-se que os participantes reportaram maior número de vezes estar alegres ou neutros, sendo que apenas uma pequena percentagem de participantes nunca selecionou estas emoções ao longo da tarefa (15% alegria e 15,9% de neutra). Por contraste, a maioria dos participantes nunca referiu ter sentido tristeza (68,6%) ou raiva (61,1%). No que se refere às relações entre estes estados afetivos ao longo da tarefa e as variáveis em estudo, constata-se que a emoção alegria se associa positivamente ao Contágio Emocional,  $r(226) = 0,22, p = 0,001$ , à Preocupação Empática,  $r(224) = 0,17, p = 0,011$  e de uma forma negativa à Psicopatia Secundária,  $r(224) = -0,17, p = 0,009$ . Já a emoção de Neutra apresenta uma associação positiva com o Contágio Emocional,  $r(226) = 0,24, p = 0,000$  e uma associação negativa com a Preocupação Empática,  $r(224) = -0,16, p = 0,020$ . A emoção raiva apresenta uma associação positiva com a Psicopatia Primária,  $r(224) = 0,17, p =$

0,014 e uma associação negativa com a Desejabilidade Social,  $r(226) = -0,18, p = 0,008$ . Por fim, a emoção de Triste não apresenta qualquer associação com as variáveis individuais em estudo.

Quadro 1. *Correlações entre as variáveis individuais e as variáveis dependentes*

	Agressão		Agressão Total	Motivações Instrumentais	Reativas	Emoções do Próprio			Irritado
	Sem Provocação	Com Provocação				Alegria	Neutra	Triste	
Contágio Emocional	-0,02	0,00	-0,01	0,02	0,03	<b>0,22**</b>	<b>0,24***</b>	0,05	0,02
Empatia									
Preocupação Empática	-0,03	-0,02	-0,03	0,04	0,02	<b>0,17*</b>	<b>-0,16*</b>	-0,04	0,00
Tomada de Perspetiva	0,01	-0,06	-0,03	-0,09	<b>-0,21**</b>	0,09	-0,02	-0,07	-0,12
Desconforto Pessoal	-0,02	0,02	0,00	-0,03	0,04	-0,08	0,02	0,13	0,05
Fantasia	-0,03	-0,06	-0,05	0,02	0,01	0,07	-0,05	-0,04	-0,01
Psicopatia									
Primária	<b>0,16*</b>	<b>0,19**</b>	<b>0,19**</b>	<b>0,24**</b>	<b>0,15*</b>	-0,08	-0,02	0,06	<b>0,17*</b>
Secundária	<b>-0,14*</b>	-0,05	-0,10	-0,07	0,07	<b>-0,17**</b>	0,13	0,10	0,04
Desejabilidade Social	0,00	-0,04	-0,02	-0,10	<b>-0,21**</b>	0,10	0,01	-0,07	<b>-0,18**</b>

Nota: \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,00$

### Agressão em função da Emoção do Alvo, do Sexo e da Psicopatia Primária

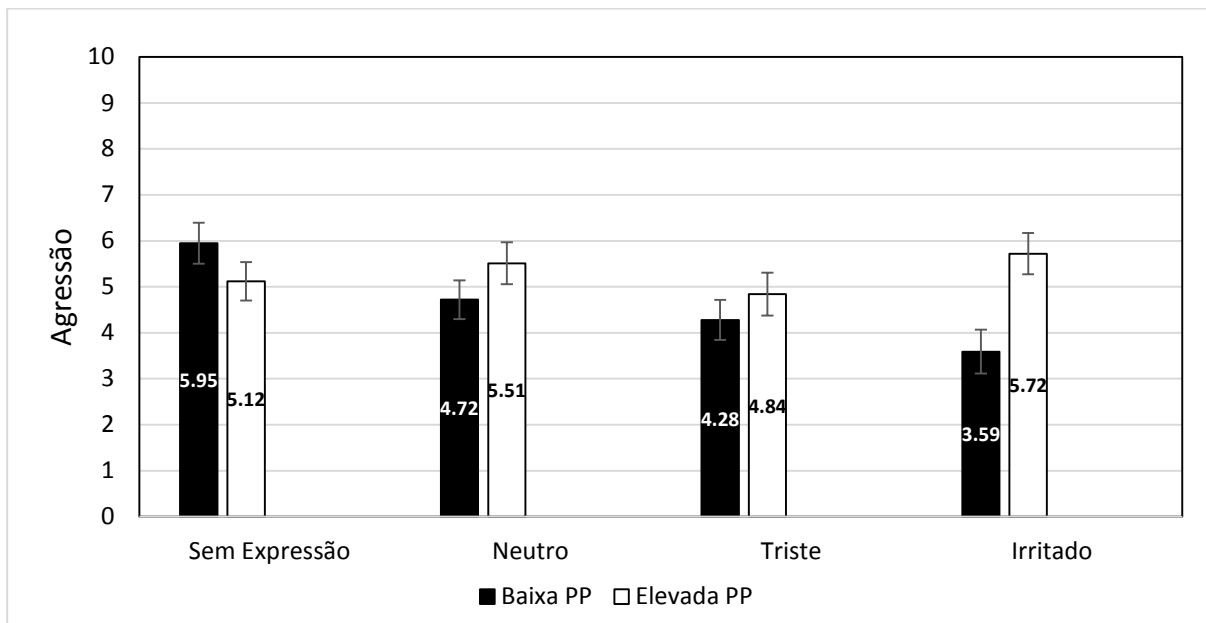
Atendendo a que apenas a Psicopatia Primária mostrou associações significativas com as variáveis dependentes, decidiu-se testar o seu potencial efeito moderador na relação entre os efeitos da Emoção do Alvo na Agressão, tendo para o efeito dividido a amostra nesta variável em psicopatia primária baixa ( $N = 113$ ) e psicopatia primária elevada ( $N = 111$ ) mediante o valor da mediana de 1,87.

Foi realizada uma Análise de Variância (ANOVA) 4 (Emoção do Alvo: Sem Expressão, Neutro, Triste e Raiva) X 2 (Provocação: Sem Provocação, Com Provocação) X 2 (Sexo: Masculino, Feminino) X 2 (Psicopatia Primária: Elevada, Baixa) para analisar os resultados referentes à agressão. Os resultados evidenciam efeitos principais significativos da Provocação,  $F(1, 208) = 15,33, p < 0,001$ , do Sexo,  $F(1, 208) = 7,72, p = 0,006$ , da Psicopatia Primária,  $F(1, 208) = 4,37, p = 0,038$ , e um efeito marginal da Emoção do Alvo,  $F(3, 208) = 2,07, p = 0,106$ . Verificou-se ainda uma interação entre a Emoção do Alvo e a Psicopatia Primária,  $F(3, 208) = 3,66, p = 0,013$ .

Em relação aos efeitos principais, verificou-se que a agressão foi superior em condições de provocação do que na sua ausência ( $M = 5,20$  vs.  $M = 4,74$ ); no sexo masculino por comparação com o sexo feminino ( $M = 5,41$  vs.  $M = 4,53$ ); em indivíduos com índices mais elevados de psicopatia primária do que indivíduos com índices mais baixos de psicopatia primária ( $M = 5,30$  vs.  $M = 4,64$ ); na condição de ausência de emoção do alvo ( $M = 5,54$ ), seguindo-se das condições de emoção, neutra ( $M = 5,12$ ), triste ( $M = 4,56$ ) e raiva ( $M = 4,66$ ), sendo significativa a diferença na agressão entre a condição ausência de emoção e a condição tristeza ( $p = 0,028$ ).

Em relação à interação Emoção do Alvo X Psicopatia Primária verifica-se que apenas existem diferenças na agressão entre os dois níveis de Psicopatia Primária na condição Raiva,  $F(1, 208) = 10,55$ ,  $p = 0,001$ . Constatou-se assim que quando os participantes recebem informação de que o alvo está irritado, são os participantes com elevada Psicopatia Primária que agridem mais o adversário do que os participantes com baixa Psicopatia Primária ( $M = 5,72$  vs.  $M = 3,59$ ). Nas restantes condições não há diferenças entre indivíduos com baixa e alta psicopatia. Por outro lado, se analisarmos os resultados da agressão entre as diferentes condições de Emoção do Alvo em função dos dois níveis de Psicopatia Primária, verificamos que apenas há diferenças na agressão entre as condições de Emoção do Alvo nos participantes com baixa Psicopatia Primária,  $F(3, 208) = 4,72$ ,  $p = 0,003$ . Verifica-se que os participantes que não recebem informação sobre a Emoção do Alvo (grupo sem expressão) reagiram mais agressivamente do que os participantes das outras condições ( $M_{\text{sem expressão}} = 5,95$  vs.  $M_{\text{neutro}} = 4,73$  vs.  $M_{\text{triste}} = 4,28$  vs.  $M_{\text{raiva}} = 3,60$ ). No grupo de participantes com elevada Psicopatia Primária os participantes reagiram com níveis de agressão semelhantes nas quatro condições experimentais,  $F(3, 208) = 0,743$ ,  $p = 0,528$ .

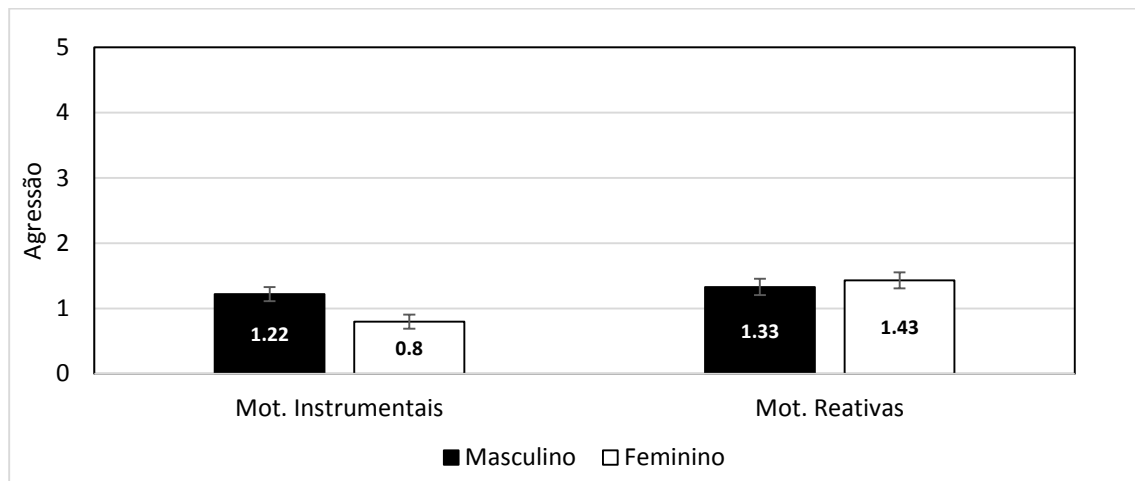
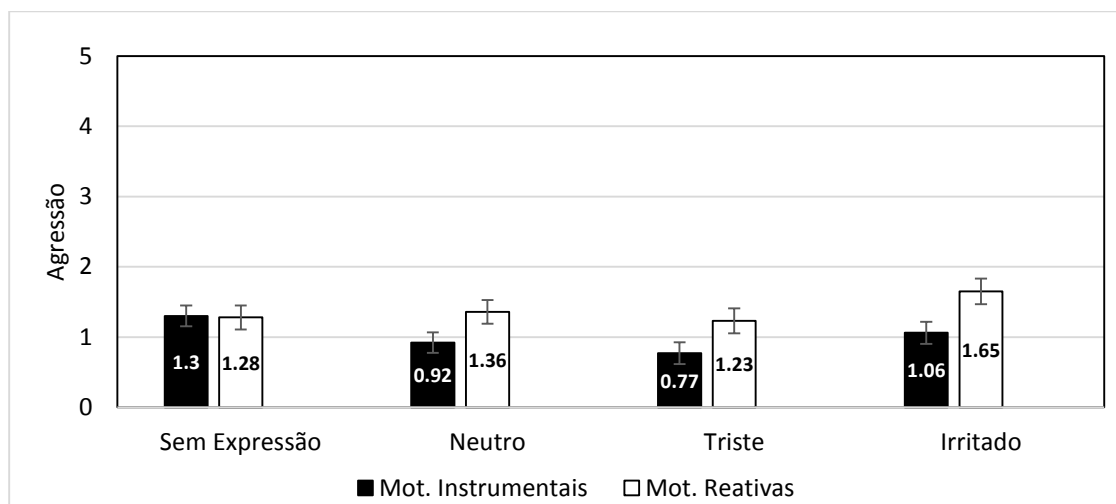
Figura 4. Agressão em função da Emoção do Alvo, Sexo e Psicopatia Primária



### Motivações em função da Emoção do Alvo, do Sexo e da Psicopatia Primária

Com o intuito de analisar os resultados referente ao relato de motivações para a agressão (i.e., motivações para aplicar o ruído ao adversário durante a TCTR), procedeu-se à realização de uma ANOVA com o plano fatorial 4 (Emoção do Alvo: Sem Expressão, Neutro, Triste e Raiva) X 2 (tipo de Motivação: Reativa, Instrumental) X 2 (Sexo) X 2 (Psicopatia Primária: Elevada, Baixa). Os resultados mostram um efeito principal significativo do tipo de Motivação,  $F(1, 188) = 32,14, p < 0,001$ , e interações estatisticamente significativas entre o tipo de Motivação e o Sexo,  $F(1, 188) = 14,99, p < 0,001$ ; e entre o tipo de Motivação e a Emoção do Alvo,  $F(3, 188) = 4,34, p = 0,006$ .

No que concerne ao efeito principal, verificou-se que, no geral, os participantes reportaram ter aplicado o ruído no alvo (agressão) por motivos mais reativos do que instrumentais ( $M = 1,38$  vs.  $M = 1,01$ ). No entanto, a interação desta variável com o Sexo evidenciou que esta diferença apenas se manifesta no sexo feminino, instrumentais ( $M_{reativa} = 1,43$  vs.  $M_{instrumental} = 0,80$ ), não havendo diferenças entre as duas motivações no sexo masculino. Por outro lado, a interação Motivação X Emoção do Alvo também mostra que as motivações são mais reativas que instrumentais nas condições em que o alvo transmite uma emoção [Neutro:  $M_{reativa} = 1,36$  vs.  $M_{instrumental} = 0,92$ ; Triste:  $M_{reativa} = 1,23$  vs.  $M_{instrumental} = 0,77$ ; Raiva:  $M_{reativa} = 1,65$  vs.  $M_{instrumental} = 1,06$ ]. Quando o alvo não transmite emoção (sem expressão) o relato de motivações reativa e instrumental é relativamente semelhante.

Figura 5. *Motivação para a Agressão em função do Sexo*Figura 6. *Motivação para a Agressão em função da Emoção do Alvo*

### Emoções do Próprio em função da Emoção do Alvo e da Psicopatia Primária

Com o intuito de analisar os resultados referente às emoções transmitidas pelo próprio, foi efetuada uma ANOVA, com o seguinte plano fatorial: 4 (Emoção do Próprio: Alegria, Neutro, Triste, Raiva) X 4 (Emoção do Alvo) X 2 (Psicopatia Primária). Os resultados mostram apenas um efeito principal significativo da Emoção do Próprio,  $F(1, 208) = 420,675, p < 0,001$ , verificando-se que os participantes reportaram um maior número de vezes a emoção de alegria ( $M = 7,18$ ) ou a expressão neutra ( $M = 6,74$ ), em vez da emoção de tristeza ( $M = 0,79$ ) e da emoção de irritação ( $M = 1,30$ ) ao longo da TCTR.





## Capítulo IV. Discussão

A presente investigação procura perceber em que medida as pistas emocionais transmitidas pelos outros numa interação diádica afetam as emoções, o comportamento interpessoal e as motivações. Mais especificamente, procuraremos perceber em que medida as emoções expressas por um alvo (raiva, tristeza, neutra, ausência de pistas emocionais) afetam de forma distinta as respostas agressivas de um indivíduo, sob condições de provocação e de não provocação, as motivações para a agressão, e as emoções sentidas pelo indivíduo.

Em relação ao comportamento agressivo era esperado que os participantes que recebessem feedback emocional de tristeza por parte do alvo fossem menos agressivos do que perante as outras emoções manipuladas. Os resultados mostram apenas diferenças significativas entre a agressão na condição de ausência de emoção por parte do alvo e a condição de comunicação de tristeza. Esta diferença vai ao encontro da linha de investigação que indica que essa emoção elicitava pena e compaixão nos outros (e.g. Einsenberg, 2000; van Kleef et al., 2008, citados por, van Kleef et al., 2011). Por outro lado, os estudos sobre o efeito do anonimato do alvo, em geral potenciam a agressão (ou seja, a condição de ausência de emoção por parte do alvo foi a que contribuiu para mais agressão – é por isso a condição de maior anonimato do alvo, já que se desconhece inclusive as suas emoções).

Porém, não as respostas agressivas perante a tristeza do alvo não diferiram das respostas agressivas perante a raiva ou mesmo a expressão neutra. Neste sentido, é importante ter em conta os resultados das possíveis moderadoras analisadas no presente estudo, em particular o sexo, o contágio emocional, a empatia e a psicopatia.

Um dos preditores e potenciais moderadores do efeito das emoções em estudo na agressão foi o sexo do participante. Os resultados obtidos sobre as diferenças entre sexos na agressão mostraram estar em conformidade com a literatura (e.g. Eagly & Steffen, 1986; Archer, 2004; Hyde, 1986; Rutter & Hine, 2005; Bettencourt & Miller, 1996) ao se verificar que os homens foram mais agressivos do que o sexo oposto. Porém, em relação ao seu efeito moderador, em que se esperava que a comunicação de emoções de raiva e tristeza contribuísse para aumentar a magnitude de diferenças entre sexos, os resultados não confirmam essa hipótese, ou seja, a saliência emocional do alvo não influenciou a magnitude da agressão em função do sexo.

Por contraste, os resultados foram mais interessantes em relação à psicopatia, e em particular na psicopatia primária. A hipótese que previa maior agressão por parte dos participantes que relatasse mais psicopatia (vs. menor psicopatia) (cf. Bushman & Baumeister, 1998) foi parcialmente confirmada, na medida em que se verificaram associações positivas entre a psicopatia primária e a agressão (em condições de provocação e sem provocação), as motivações (instrumentais e reativas) e o sentimento de irritação por parte do participante ao longo das provas. Na mesma linha, os resultados confirmam também a hipótese de moderação por parte da psicopatia (primária) na relação entre a emoção do alvo e a agressão do próprio. Verificou-se que na condição de alvo irritado as respostas dos participantes foram mais agressivas consoante for o grau de psicopatia do participante, ou seja, os participantes que relatam mais psicopatia, ao lhes ser transmitido a emoção de raiva, ampliam as respostas agressivas ao alvo. Na realidade, os resultados deixam transparecer que responder com menos agressão em condições de ameaça (comunicação de emoção de irritado por parte do alvo), parece ser adaptativo. Porém, nestes indivíduos esta ameaça tem efeitos contrários.

Os resultados ainda confirmaram que sob o efeito de provocação, os participantes foram mais agressivos do que em condições de não provocação, tendo os resultados ido de acordo com a literatura (e.g. Bettencourt & Miller, 1996), ou seja, os participantes quando provocados (neste caso, por um ruído) tendem a responder de forma mais agressiva para com o alvo do que em condições de não provocação.

No que concerne às análises exploratórias das emoções expressas pelos próprios participantes, o presente estudo mostrou que os participantes reportaram mais emoções de alegria e neutra, e menos de tristeza e raiva.

Relativamente às motivações para a agressão, os resultados foram ao encontro das hipóteses que previa que os participantes fossem mais reativos do que instrumentais, em particular nas mulheres. Efetivamente esta diferença apenas se verificou nas mulheres. Nos homens não foi visível essa diferenciação.

Em suma, o presente estudo mostrou que as pistas emocionais transmitidas por um alvo, numa interação diádica são importantes no relacionamento interpessoal.

Relativamente a limitações e implicações para o futuro, no nosso ponto de vista, a recolha realizada sobretudo a nível universitário é uma limitação, por ser uma população competitiva, uniforme e por terem mais capacidades académicas o que lhes pode ajudar a

perceberem a manipulação executada neste estudo. Por outro lado, seria um passo evolutivo no nosso ponto de vista replicar o estudo, com a alteração de o mesmo participante, em vez de receber um só estímulo durante a tarefa competitiva, receber os quatro estímulos (ausência de emoção; raiva; neutra; tristeza) na mesma prova, de forma a alcançarmos resultados mais significativos.



## Capítulo V. Referências

- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (1997). External validity of "trivial" experiments: The case of laboratory aggression. *Review of General Psychology, 1* (1), 19-41. doi: 10.1037/1089-2680.1.1.19
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology, 53*, 27–51. doi: 10.1146/annurev.psych.53.100901.135231
- Anderson, C. A., & Carnagey, L. L. (2004). Violent evil and the general aggression model. Chapter in A. Miller (Ed.) *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 168-192). New York: Guilford Publications
- Archer, J. (2004). Sex differences in aggression in real-world settings: A metaanalytic review. *Review of General Psychology, 8*, 291–322. doi: 10.1037/1089-2680.8.4.291
- Arriaga, P., Esteves, F. & Monteiro, M. B. (2004). Estudo psicométrico de duas medidas no âmbito da agressão humana. In J. Vala, M. Garrido e P. Alcobia, *Percursos de Investigação em Psicologia Social e Organizacional* (pp. 177-199). Lisboa: Edições Colibri
- Ballard, R. (1992). Short forms of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Psychological Reports, 71*, 1155-1160. doi: 10.2466/PRO.71.8.1155-1160
- Baron, R. A., & Richardson, D. R. (2004). *Human Aggression* (2nd ed). Plenum Press. New York and London
- Baumeister, R. F., Smart, L., & Boden, J. M., (1996). Relation of threatened egotism to violence and aggression: The dark side of high self-esteem. *Psychological Review, 103* (1), 5-33. doi: 10.1037/0033-295X.103.1.5
- Berkowitz, L. (1989). Frustration-aggression hypothesis: Examination and reformulation. *Psychological Bulletin, 106* (1), 59-73. doi: 10.1037/0033-2909.106.1.59
- Berkowitz, L. (1993). Pain and aggression: Some findings and implications. *Motivation and Emotion, 17*, 277-293. doi: 10.1007/BF00992223
- Bettencourt, B. A., & Miller, N. (1996). Gender differences in aggression as a function of provocation: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 119*, 422–447. doi: 10.1037/0033-2909.119.3.422
- Bettencourt, B. A., Talley, A., Benjamin, A. J., & Valentine, J. (2006). Personality and aggressive behavior under provoking and neutral conditions: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 132*, 751–777. doi: 10.1037/0033-2909.132.5.751
- Blair, R. J. R. (2010). Psychopathy, frustration, and reactive aggression: The role of ventromedial prefrontal cortex. *British Journal of Psychology, 101*, 383-399. doi: 10.1348/000712609X418480

- Blair, R. J. R., Sellars, C., Strickland, I., Clark, F., Williams, A. O., Smith, M., et al. (1995). Emotion attributions in the psychopath. *Personality and Individual Differences, 19*, 431–437. doi: 10.1016/0191-8869(95)00080-P
- Bouhuys, A. L., Bloem, G. M., & Groothuis, T. G. G., (1995). Induction of depressed and elated mood by music influences the perception of facial emotional expressions in healthy subjects. *Journal of Affective Disorders, 33*, 215-226. doi: 10.1016/0165-0327(94)00092-N
- Bower, G. H. (1981) Mood and memory. *American Psychologist, 36* (2), 129-148. doi: 10.1037/0003-066X.36.2.129
- Bushman, B. J., & Baumeister, R. F., (1998). Threatened egotism, narcissism, self-esteem, and direct and displaced aggression: Does self-love or self-hate lead to violence? *Journal of Personality and Social Psychology, 75*, 219-229. doi: 10.1037/0022-3514.75.1.219
- Campbell, A., Muncer, S., & Coyle, E. (1992). Social representation of aggression as an explanation of gender differences: A preliminary study. *Aggressive Behavior, 18*, 95–108. doi: 10.1002/1098-2337(1992)18:2<95::AID-AB2480180203>3.0.CO;2-5
- Coelho, L., Paixão, R., & Silva, J. T., (2010). O Levenson's Self Report Psychopathy Scale (LSRP). *Psychologica, 53*, 413-421. Retirado de: <http://iduc.uc.pt/index.php/psychologica/article/view/1096/544>
- Conway, M., Irannejad, I., & Giannopoulos, C. (2005). Status-based expectancies for aggression, with regard to gender differences in aggression in social psychological research. *Aggressive Behavior, 31*, 381–398. doi: 10.1002/ab.20058
- Dawel, A., O'Kearney, R. McKone E., & Palermo, R. (2012). Not just fear and sadness: Meta-analytic evidence of pervasive emotion recognition deficits for facial and vocal expressions in psychopathy. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews, 36*, 2288-2304. doi: 10.1016/j.neubiorev.2012.08.006
- Doherty, R. W. (1997). The emotional contagion scale: A measure of individual differences. *Journal of Nonverbal Behavior, 21* (2), 131-154. doi: 10.1023/A:1024956003661
- Eagley, A. H., & Steffen, V. J. (1986). Gender and aggressive behavior: A meta-analytic review of the social psychological literature. *Psychological Bulletin, 100*, 309–330. doi: 10.1037//0033-2909.100.3.309
- Ferreira, P. A. (2006). *Torneios (Ir)reais Violentos em Jogos Electrónicos: Efeitos Psicológicos e Sociais* (Tese de Doutoramento). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Fischer, A.H., Rotteveel, M., Evers, C., & Manstead (2004). Emotional assimilation: How we are influenced by others' emotions. *Current Psychology of Cognition, 22*, 223-245.
- Forgas, J. P. (1995). "Mood and judgment: The Affect Infusion Model (AIM)". *Psychological Bulletin, 117* (1), 39–66. doi:10.1037/0033-2909.117.1.39

- Frijda, N. H., Kuipers, P., & ter Schure, E. (1989). Relations among emotion, appraisal, and emotional action readiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, *57* (2), 212-228. doi: 10.1037/0022-3514.57.2.212
- Harenski, C. L. & Kiehl, K. A. (2010). Reactive aggression in psychopathy and the role of frustration: Susceptibility, experience, and control. *British Journal of Psychology*, *101*, 401–406. doi: 10.1348/000712609X471067
- Hastings, M. E., Tangney, J. P., & Stuewig, J. (2008). Psychopathy and identification of facial expressions of emotion. *Personality and Individual Differences*, *44*, 1474-1483. doi: 10.1016/j.paid.2008.01.004
- Hatfield, E., Cacioppo, J. T., & Rapson, R. L. (1992). Primitive emotional contagion. *Review of Personality and Social Psychology*, *14*, 151–177. Retirado de: <http://www.elainehatfield.com/ch50.pdf>
- Hatfield, E., Cacioppo, J. T., & Rapson, R. L. (1994). Emotional contagion. New York: Cambridge University Press.
- Hatfield, E. & Rapson, L. R. (1998). Emotional contagion and the communication of emotion. In M. T. Palmer & G. A. Barnett (Ed.), *Progress in Communication Sciences*, *14*, 73-89. Retirado de : <http://www.elainehatfield.com/ch58.pdf>
- Hyde, J. S. (1986). Gender differences in aggression. In J. S. Hyde & M. C. Linn (Eds.), *The psychology of gender: Advances through meta-analysis* (pp. 51–66). Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- Knight, G. P., Guthrie, I. K., Page, M. C., & Fabes, R. A. (2002). Emotional arousal and gender differences in aggression: A meta-analysis. *Aggressive Behavior*, *28*, 366–393. doi:10.1002/ab.80011
- Levenson, M., Kiehl, K., & Fitzpatrick, C. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology*, *68*, 151-158. doi: 10.1037//0022-3514.68.1.151
- Limpo, T., Alves, R. A. & Catro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do índice de reatividade interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, *8* (2), 171-184.
- Marsh, A. A., & Blair, R. J. R. (2008) Deficits in facial affect recognition among antisocial populations: A meta-analysis. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, *32*, 454-465. doi: 10.1016/j.neubiorev.2007.08.003
- Porter, S., & Woodworth, M. (2006). Psychopathy and aggression. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 481-494). New York: Guilford.
- Roberts, W. and Strayer, J. (1996), Empathy, Emotional Expressiveness, and Prosocial Behavior. *Child Development*, *67*, 449–470. doi: 10.1111/j.1467-8624.1996.tb01745.x

- Rutter, A., & Hine, D. W., (2005). Sex differences in workplace aggression: An investigation of moderation and mediation effects. *Aggressive Behavior*, 31, 254-270. doi: 10.1002/ab.20051
- Simon & Nath (2004). "Gender and emotion in the U.S.: Do men and women differ in self-reports of feelings and expressive behavior?" *American Journal of Sociology*, 109, 1137-1176. Retirado de: <http://users.wfu.edu/simonr/pdfs/Simon%20&%20Nath%20AJS%202004.pdf>
- Steffgen, G., & Gollwitzer, M. (2007). *Emotions and Aggressive Behavior*. Hogrefe & Huber Publishers
- van Baardewijk, Y, Stegge, H., Bushman, B. J., & Vermeiren, R. (2009). Psychopathic traits, victim distress and aggression in children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry* 50 (6). 718-725. Doi: 10.1111/j.1469-7610.2008.02023.x
- van Kleef, G. A. (2009). How emotions regulate social life: The emotions as social information (EASI) model. *Current Directions in Psychological Science*, 18, 184-188. doi: 10.1111/j.1467-8721.2009.01633.x
- van Kleef, Gerben A., van Doorn, E. A., Heerdink, M. W., & Koning, L. F. (2011). Emotion is for influence. *European Review of Social Psychology*, 22. doi: 10.1080/10463283.2011.627192



## Capítulo VI. Anexos

### Anexo A: Consentimento Informado

#### Consentimento Informado

O presente estudo tem como objectivo estudar a relação entre sentimentos, pensamentos e formas de agir. Para esse fim contamos com a sua colaboração no preenchimento de quatro questionários distribuídos por quatro secções (com um total de 78 itens). Estima-se que o total de tempo despendido não exceda os 20 minutos.

A participação no presente estudo poderá proporcionar um contributo importante para o conhecimento científico destes processos na área da Psicologia. Pedimos-lhe que responda de uma forma o mais honesta possível, tendo em conta que não há respostas certas ou erradas em nenhum dos questionários.

De acordo com as normas da Comissão de Protecção de Dados, os dados recolhidos são anónimos, sendo toda a informação tratada e analisada colectivamente. Toda a informação recolhida poderá ser usada apenas para efeitos educativos e/ou divulgação científica.

Este estudo tem um carácter voluntário. Terá sempre a possibilidade de negar a sua participação ou de se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer penalização.

Desde já agradecemos a sua colaboração e não hesite a colocar as suas dúvidas às investigadoras presentes. Caso pretenda algum esclarecimento adicional, por favor entre em contacto com a investigadora responsável deste estudo: Patrícia Arriaga, ISCTE-IUL ([patricia.arriaga@iscte.pt](mailto:patricia.arriaga@iscte.pt)).

O estudo foi-me explicado, compreendi que a minha participação é voluntária e que sou livre de não continuar a mesma sem qualquer prejuízo. Além disso, compreendi que a confidencialidade dos meus dados pessoais será assegurada. Após ter lido e compreendido a informação anteriormente mencionada, declaro que aceito participar neste estudo.

Sim, concordo

Não concordo

\_\_\_\_\_ Data

## Anexo B: Codificação de Dados

Para codificação dos seus dados na base de dados, indique por favor:

1. Três primeiras letras do seu ÚLTIMO APELIDO: \_\_\_ \_\_\_ \_\_\_
2. Dia e mês de Aniversário: \_\_\_ (dia) / \_\_\_ (mês)

Para efeitos de caracterização da amostra do estudo, pedimos-lhe que preencha os seguintes dados demográficos.

1. Idade: \_\_\_\_\_ anos
2. Sexo (coloque uma cruz): \_\_\_ Masculino \_\_\_ Feminino
3. Nacionalidade (coloque uma cruz): \_\_\_ Portuguesa  
\_\_\_ Outra (Qual? \_\_\_\_\_)
4. Habilitações Literárias: \_\_\_ anos de escolaridade completos.
5. Estado Civil:  
\_\_\_ Casado(a) / União de facto  
\_\_\_ Divorciado(a) / Separado(a)  
\_\_\_ Solteiro(a)  
\_\_\_ Viúvo(a)

## Anexo C: Escala de Suscetibilidade ao Contágio Emocional

## Secção I

(EC - Doherty, 1997; Tradução: P. Arriaga e M. Monteiro, 2008)

Este questionário pretende avaliar um conjunto variado de sentimentos e comportamentos. Não existem respostas certas ou erradas, por isso tente ser o mais honesto(a) que puder nas suas respostas. Leia cada questão e responda colocando uma CRUZ (X) no número que melhor se aplica a si, utilizando a seguinte escala:

1	2	3	4
Nunca	Raramente	Frequentemente	Sempre

1	Se alguém com quem estou a conversar começa a chorar, fico com os olhos cheios de lágrimas.	1	2	3	4
2	Estar com uma pessoa alegre levanta-me a moral quando me sinto em baixo.	1	2	3	4
3	Quando alguém me sorri com um ar termo, sorrio-lhe e sinto-me reconfortado(a).	1	2	3	4
4	Fico cheio(a) de pena quando as pessoas falam acerca da morte dos seus entes queridos.	1	2	3	4
5	Cerro os dentes e fico tenso(a) quando vejo rostos zangados(as) nas notícias.	1	2	3	4
6	Quando olho nos olhos da pessoa que amo, fico repleto(a) de pensamentos românticos.	1	2	3	4
7	Irrita-me estar próximo de pessoas zangadas.	1	2	3	4
8	Ver os rostos assustados de vítimas nas notícias faz com que eu tente imaginar como elas se devem sentir.	1	2	3	4
9	Derreto-me quando a pessoa que amo me abraça carinhosamente.	1	2	3	4
10	Fico tenso(a) quando ouço uma discussão acesa.	1	2	3	4
11	Estar rodeado(a) de pessoas alegres deixa-me cheio(a) de pensamentos felizes.	1	2	3	4
12	Sinto que o meu corpo responde quando a pessoa que amo me toca.	1	2	3	4
13	Reparo que começo a ficar tenso(a) quando estou próximo de pessoas stressadas.	1	2	3	4
14	Choro em filmes tristes.	1	2	3	4
15	Ouvir os gritos estridentes de uma criança apavorada na sala de espera de um dentista deixa-me nervoso(a).	1	2	3	4

## Anexo D: Índice de Reactividade Interpessoal

**Secção II**  
(IRI, Davis, 1994; Tradução de: Limpo et al., 2010)

As frases seguintes pretendem avaliar os seus pensamentos e sentimentos numa variedade de situações. Para cada item pense até que ponto cada um o descreve, usando a seguinte escala:

0	1	2	3	4
Não me descreve bem				Descreve-me bem

Escolhe e assinala com uma CRUZ (X) o número que melhor reflecte a opinião que tem a seu respeito, em frente a cada frase. LEIA CADA ITEM CUIDADOSAMENTE ANTES DE RESPONDER. Responda da forma mais HONESTA possível e verifique, no final, se respondeu a todos os itens.

1	Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu	0	1	2	3	4
2	De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros.	0	1	2	3	4
3	As vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas.	0	1	2	3	4
4	Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance.	0	1	2	3	4
5	Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo/apreensiva.	0	1	2	3	4
6	Habitualmente mantenho a objectividade ao ver um filme ou um teatro, e não me deixo envolver por completo.	0	1	2	3	4
7	Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.	0	1	2	3	4
8	Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.	0	1	2	3	4
9	Por vezes tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspectiva de ver as coisas.	0	1	2	3	4
10	É raro ficar completamente envolvido/envolvida num bom livro ou filme.	0	1	2	3	4
11	Quando vejo alguém ficar ferido, tento permanecer calmo/calma.	0	1	2	3	4
12	As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito.	0	1	2	3	4
13	Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens.	0	1	2	3	4
14	Estar numa situação emocional tensa assusta-me.	0	1	2	3	4
15	Geralmente sou muito eficaz a lidar com emergências.	0	1	2	3	4
16	Fico muitas vezes emocionado/emocionada com coisas que vejo acontecer.	0	1	2	3	4
17	Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos.	0	1	2	3	4
18	Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole.	0	1	2	3	4
19	Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista.	0	1	2	3	4
20	Tendo perder o controlo em situações de emergência.	0	1	2	3	4
21	Quando estou aborrecido/aborrecida com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento.	0	1	2	3	4
22	Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo.	0	1	2	3	4
23	Quando vejo alguém numa emergência a precisar de muita ajuda, fico completamente perdido/perdida.	0	1	2	3	4
24	Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar.	0	1	2	3	4

## Anexo E: Escala de auto-relato de Psicopatia

**Secção III**  
(LPS- Levenson et al. 1995; Tradução: C. Soeiro, 2003)

Leia as frases que se seguem e escolha e assinala com uma CRUZ (X), o número que melhor reflete a opinião que tem a seu respeito, em frente a cada frase. Responda da forma mais honesta possível, considerando a seguinte escala:

1	2	3	4
Discordo totalmente	Discordo algumas vezes	Concordo algumas vezes	Concordo Fortemente

1. O sucesso é baseado na sobrevivência dos mais fortes, não me preocupo com os fracos.	1	2	3	4
2. Desinteresso-me facilmente pelas atividades que inicio.	1	2	3	4
3. "Salta-me a tampa" com frequência quando fico frustrado/a.	1	2	3	4
4. O meu maior objetivo é obter o máximo de coisas boas que conseguir ao longo da vida.	1	2	3	4
5. Antes de tomar qualquer atitude analiso as possíveis consequências.	1	2	3	4
6. O meu maior objetivo é ganhar muito dinheiro.	1	2	3	4
7. Para mim, aquilo que está certo é qualquer coisa do qual eu possa sair ileso/impune.	1	2	3	4
8. Estou frequentemente enfasiado/ aborrecido.	1	2	3	4
9. Eu retiro prazer em manipular os sentimentos das outras pessoas.	1	2	3	4
10. Eu frequentemente admiro uma trama astuta.	1	2	3	4
11. Eu ficaria aborrecido se o meu sucesso fosse ganho às custas de outros.	1	2	3	4
12. As pessoas que são suficientemente estúpidas para serem aldrabadas, normalmente merecem-no.	1	2	3	4
13. Eu digo às outras pessoas aquilo que elas querem ouvir, para que elas façam aquilo que eu quero.	1	2	3	4
14. Eu sinto-me mal se as minhas palavras ou ações magoarem alguém.	1	2	3	4
15. Olhar por mim é a minha prioridade.	1	2	3	4
16. A maioria dos meus problemas deve-se ao facto de não ser compreendido pelas outras pessoas.	1	2	3	4
17. A batota não se justifica porque é injusto para os outros.	1	2	3	4
18. Eu encontro-me nos mesmos problemas, vezes sem conta.	1	2	3	4
19. Mesmo que estivesse a tentar vender algo não mentia sobre o produto.	1	2	3	4
20. No mundo de hoje, sinto que tudo justifica fazer algo quando posso ganhar com isso.	1	2	3	4
21. Eu não planeio nada com muito tempo de antecedência	1	2	3	4
22. Eu deixo que os outros se preocupem com os "valores mais elevados", quando a minha principal preocupação é com a "linha de fundo".	1	2	3	4
23. Acho que sou capaz de lutar por um objetivo durante muito tempo.	1	2	3	4
24. Faço questão de tentar não magoar os outros para atingir os meus objetivos.	1	2	3	4
25. Grito muito com as outras pessoas.	1	2	3	4
26. O amor é sobrevalorizado.	1	2	3	4

## Anexo F: Questionário Desejabilidade Social

## Secção IV

(MCSDS-SF: R. Ballard, 1992; Tradução: M. Carvalho &amp; A. Baptista, 1999)

Em seguida, encontra uma série de afirmações que se referem aos traços e atitudes pessoais. Leia cada uma delas e decida se essa afirmação é, para si, VERDADEIRA (V) ou FALSA (F), assinalando a letra à direita que melhor corresponde ao que pensa de si.

1	Por vezes, quando não consigo aquilo que quero, fico com ressentimentos.	V	F
2	Em algumas ocasiões, deixei de fazer determinadas coisas por pensar que não tinha capacidade para isso.	V	F
3	Houve alturas em que senti vontade de me revoltar contra as pessoas com mais autoridade do que eu, apesar de saber que as mesmas estavam certas.	V	F
4	Ouçó sempre com atenção os outros, independentemente de com quem estou a falar.	V	F
5	Lembro-me de ocasiões em que fingi estar doente para obter algo que queria.	V	F
6	Houve ocasiões em que me aproveitei dos outros.	V	F
7	Quando cometo um erro, estou sempre disposto a admiti-lo.	V	F
8	Por vezes, tento vingar-me, em vez de perdoar e esquecer.	V	F
9	Sou sempre simpático(a), mesmo para as pessoas que são desagradáveis.	V	F
10	Nunca me aborreci quando as pessoas expressavam ideias muito diferentes das minhas.	V	F
11	Houve alturas em que tive bastante inveja da boa sorte dos outros.	V	F
12	Por vezes, sinto-me irritado(a) quando as pessoas me pedem favores.	V	F
13	Nunca disse nada de forma deliberada para magoar os sentimentos de outra pessoa.	V	F

## Anexo G: Consentimento Informado da TCTR

**CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu concordo em participar num estudo em que um dos objectivos é a avaliação do desempenho numa tarefa de tempo de reacção.

Como participante estou consciente que me será pedido para realizar uma tarefa de rapidez de resposta (composta por 17 provas) e que, em cada prova que perca, poderei ouvir um ruído, com um máximo de 91 decibéis de intensidade e 4 segundos de duração. Previamente à realização da tarefa poderei testar os níveis máximos de intensidade e duração do ruído, de modo a estar consciente do procedimento. Fui ainda informado de que é possível sentir algum desconforto enquanto desempenho a tarefa.

Sempre que houver algo que não compreenda, é-me dada a oportunidade de colocar todas as dúvidas. Compreendo que, em qualquer altura, terei a liberdade de retirar a minha autorização ou recusar participar no estudo, sem qualquer prejuízo.

Fui também informado que nenhuma informação obtida neste estudo será usada de modo a ser identificado, sendo preservado o anonimato e a confidencialidade dos meus dados individuais. A assinatura neste consentimento não será associada aos meus resultados; pelo contrário, as minhas respostas são identificadas através de um código. Posteriormente, a informação será introduzida em bases de dados, os quais serão guardados durante um período de 5-10 anos. Será efetuado tratamento estatístico da informação recolhida com base nos dados recolhidos de todos os participantes, sendo estimado um total de 150 participantes. Os resultados poderão ser divulgados em contextos de natureza científica e/ou pedagógica. Nestas condições, concordo que a informação obtida neste estudo seja usada para efeitos de divulgação científica e pedagógica.

O tempo previsto de duração da sessão é aproximadamente 15 minutos.

Em relação aos benefícios da minha participação, fui informado de que o intuito é a realização de uma investigação que poderá aumentar o conhecimento sobre processos psicológicos e serei esclarecido, no final do estudo, sobre todo o processo de investigação em curso. A participação pode ainda aumentar o meu conhecimento pessoal sobre algumas abordagens científicas na Psicologia. Caso esteja interessado em obter informação relativa aos resultados finais do estudo poderei ser contactado para o seguinte contacto de email: \_\_\_\_\_ . Caso tenha quaisquer perguntas adicionais ou problemas a reportar relativos a minha participação, poderei contactar a investigadora principal, Doutora Patricia Arriaga ([patricia.arriaga@iscte.pt](mailto:patricia.arriaga@iscte.pt)).

Autorizo que os dados, nas condições referidas, sejam utilizados para a presente investigação.

\_\_\_\_\_  
(Data)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do participante)

*MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!*

Anexo H: Codificação de dados da TCTR

Para codificação dos seus dados na base de dados, indique por favor:

1. Três primeiras letras do seu ÚLTIMO APELIDO: \_\_\_ \_\_\_ \_\_\_
2. Dia e mês de Aniversário: \_\_\_ (dia) / \_\_\_ (mês)

Para efeitos de caracterização da amostra do estudo, pedimos-lhe que preencha os seguintes dados demográficos.

1. Idade: \_\_\_\_\_ anos
2. Sexo (coloque uma cruz): \_\_\_ Masculino \_\_\_ Feminino
3. Nacionalidade (coloque uma cruz): \_\_\_ Portuguesa  
\_\_\_ Outra (Qual? \_\_\_\_\_)
4. Habilitações Literárias: \_\_\_ anos de escolaridade completos.
5. Estado Civil:  
\_\_\_ Casado(a) / União de facto  
\_\_\_ Divorciado(a) / Separado(a)  
\_\_\_ Solteiro(a)  
\_\_\_ Viúvo(a)

ASSIM QUE RECEBER INDICAÇÕES  
PODERÁ INICIAR A TAREFA NO COMPUTADOR

Muito obrigada pela sua colaboração!





Anexo J: Entrevista pós laboratorial

(Entrevista pós-experimental)

1. É possível que durante a tarefa tenha formado imagem do(a) adversário(a).
  - 1.1. Na sua opinião, o(a) adversário(a) é do sexo masculino ou feminino?  
\_\_\_\_ Masculino \_\_\_\_ Feminino
  - 1.2. Que idade pensa que o(a) sua adversário(a) tem?  
R: Cerca de \_\_\_\_\_ anos.
2. – 5. Em relação ao ruído, responda por favor às questões que lhe são colocadas na seguinte folha (ENTREGAR A FILHA DE RESPOSTA AO PARTICIPANTE):  
Após preencher, questionar o participante se quer fazer algum comentário? (se aplicável):

---

---

6. Antes de iniciar a experiência tinha alguma ideia acerca do que iria suceder?

---

---

- 5.1. Está familiarizado com este tipo de provas? Já realizou alguma prova semelhante?

\_\_\_\_ Sim \_\_\_\_ Não

- 5.2. Se respondeu SIM, descreva um pouco essa prova?

---

---

---

6. Em que medida considera esta prova útil para avaliar a rapidez de reacção de uma pessoa?

---

---

---

7. Por fim, diga-nos o que pensa sobre os objectivos do estudo.

---

---

---

---

---

Efectuar o *debriefing* e questionar o participante sobre o seu estado emocional no momento. Garantir que o participante não sai da experiência incomodado.